

Parte 3 - Geografia da religião: espacialidades do sagrado

As festas religiosas em louvor a São João Batista na Bahia: práticas devocionais e elementos míticos na interface sagrado / profano

Jânio Roque Barros de Castro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CASTRO, JRB. As festas religiosas em louvor a São José Batista na Bahia: práticas devocionais e elementos míticos na interface sagrado / profano. In: SERPA, A., org. *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações* [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 181-197. ISBN 978-85-232-1189-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

As festas religiosas em louvor a São João Batista na Bahia

Práticas devocionais e elementos míticos na
interface sagrado/profano

Janio Roque Barros de CASTRO
Professor, Universidade do Estado da Bahia
janiocastro@bol.com.br

Introdução

Diferentemente dos tradicionais mega-carnavais metropolitanos, mais pontualizados, concentrando-se em algumas importantes capitais brasileiras, as festas juninas apresentam uma dinâmica espacial mais difusa e mobilizam, com diferentes intensidades, todos os municípios nordestinos. Consideradas como o mais importante evento festivo do interior da Região Nordeste do Brasil, tanto pelo seu raio de abrangência, quanto pelos seus significados, criados e reinventados pelo povo ao longo do tempo, as festas juninas são destacadas midiaticamente pelo seu caráter espetacularizado no espaço profano.

Muitas pessoas desconhecem, no entanto, as práticas religiosas relacionadas ao culto a São João Batista, padroeiro de algumas cidades do estado da Bahia e louvado e homenageado na dimensão do sagrado, tanto pelo catolicismo oficial, quanto pelo catolicismo popular, que mescla elementos míticos com práticas litúrgicas formais e manifestações folclóricas. Além das festas profanas espetaculares notabilizadas midiaticamente, quais são os elementos e práticas que destacam a natureza sagrada do ciclo junino? Este capítulo está assentado neste questionamento inicial e busca possíveis respostas na análise das práticas religiosas das festas de São João de algumas localidades da Bahia.

Para alguns pesquisadores, as festas de São João são provenientes da tradição do culto ao sol, à fertilidade e à colheita. Outros estudiosos atribuem as origens das festividades juninas ao solstício de verão europeu, relacionando-as ao ciclo das colheitas, como lembra Morigi (2001). Essas práticas posteriormente teriam sido cooptadas pela igreja Católica, que determinou o dia 24 de junho como data do nascimento de São João Batista, o precursor do Cristianismo, e que, segundo relatos bíblicos, batizou Jesus Cristo. No caso do Brasil, para onde as festas juninas chegaram trazidas pelos europeus, o mês de junho, que corresponde ao solstício de inverno, é o período da colheita do milho e do amendoim na Bahia, que são cultivos típicos do ciclo junino. Para o pesquisador e folclorista brasileiro Luís da Câmara Cascudo (1969), as festas juninas brasileiras foram recriações de outras festividades européias, mais especificamente portuguesas, e tinham um caráter eminentemente familiar e/ou eventualmente comunitário, embebidas

de toda uma atmosfera ritualística que envolvia aspectos religiosos, míticos, folclóricos, comunitários, entre outros.

No presente capítulo, pretende-se fazer uma breve reflexão sobre a dinâmica espaço-temporal e as peculiaridades das festas juninas a partir da dimensão do sagrado. O que existe de religioso nas festas juninas multipontualizadas no território baiano? Quais as especificidades das festas juninas na dimensão do sagrado em diferentes localidades da Bahia? Como o São João é uma festa que ocorre em todos os municípios da região Nordeste do Brasil, pretende-se apresentar alguns exemplos de práticas devocionais em louvor a São João Batista, que transitam do catolicismo oficial ao popular e mítico, em diferentes municípios do território baiano, como Amargosa, Cabeceiras do Paraguaçu, Cachoeira e Cruz das Almas, no Recôncavo baiano, e Seabra, na Chapada Diamantina.

As origens das festas em louvor a São João, segundo relatos bíblicos

Consta na bíblia que Isabel, a mãe de João Batista, era estéril e estava em uma idade avançada; por isso, não podia ter filhos. Mesmo em meio a essas adversidades, Isabel engravidou e disse à sua prima Maria, futura mãe de Jesus Cristo, que comunicaria o nascimento de seu filho com seu esposo Zacarias acendendo uma grande fogueira. O filho de Isabel foi o profeta João Batista, que posteriormente batizaria Jesus Cristo nas águas do rio Jordão. João Batista seria o anunciador da vinda do Messias. Esta versão, ligada à sacralidade, explicaria a prática de se acender fogueira no dia 23 de junho. Por outro lado, alguns pesquisadores atribuem o ato de se acender as fogueiras a práticas européias pagãs; alguns povos viam no fogo um elemento mágico para espantar as pestes da lavoura.

João Batista era um homem de uma oratória rígida e severa do ponto de vista da leitura dos preceitos morais do seu tempo, o que incomodou o rei Herodes, que o enclausurou. Segundo relatos bíblicos, a dançarina Erodiades, orientada por sua mãe, pediu a Herodes a cabeça de João Batista em uma bandeja, o que configurou uma morte trágica do precursor de Cristo. Apesar de a Igreja Católica apresentar vários santos que se notabilizaram

por seu martírio, que muitas vezes culminava com a morte, São João Batista é destacado nas missas e novenas como o profeta que batizou Jesus Cristo e é festejado em seu nascimento. Nas missas ou novenários em homenagem a São João Batista, em cidades como Cabaceiras do Paraguaçu, Jaguarari e Jeremoabo, os párocos fazem menções ao papel de precursor de Jesus, de difusor do Cristianismo e ministrante de batismos no rio Jordão, cujo ápice sacramental foi o batismo de Cristo.

Uma peculiaridade na interface sacro-profana da festa de São João é que no dia 23 de junho acendem-se as fogueiras para comemorar o natalício de João Batista em um país no qual, tradicionalmente, veneram-se os santos católicos no dia de sua morte. Na dimensão mítica folclórica, afirma-se que São João dorme no ápice profano das festas juninas. Caso acordasse e presenciasse a forma como se comemora o seu nascimento, ele desceria do céu e perderia a santidade. É importante ressaltar que no contexto do catolicismo popular das práticas profanas, comemora-se o Santo menino, cuja imagem, com cabelos encaracolados, é muito popularizada no Nordeste brasileiro.

São João Batista é o padroeiro de muitas cidades da Bahia, notadamente no semi-árido baiano. Entretanto, os principais pólos da festa junina espetacularizada no espaço urbano de grande notabilidade midiática, como Amargosa, Cachoeira, Cruz das Almas, Jequié e Senhor do Bonfim não apresentam São João Batista como o padroeiro local. Nessas cidades prioriza-se o viés espetacular das festas juninas em uma perspectiva turística.

As festas em louvor a São João: o religioso, o mítico e o lúdico se entrelaçam

Com base nas reflexões de Walter Benjamin (1996), surge um questionamento: Os participantes das festas juninas urbanas espetacularizadas da contemporaneidade experienciam ou vivenciam o tempo / espaço festivo? Para W. Benjamin, a experiência está ligada à memória individual e coletiva, enquanto que a vivência aplica-se à vida privada. Partindo-se dessa leitura, pode-se afirmar que, para o folião junino, não é relevante conhecer de forma profunda o que efetivamente está comemorando nesta modalidade de

eventos festivos, por isso não se aplica aqui o conceito de experiência. O viés religioso, mítico ou ritualístico das festas de São João do passado, conforme apontam as pesquisas de Câmara Cascudo (1969), indicavam uma preocupação com as tradições e com a memória coletiva, ou seja, com elementos materiais ou imateriais eivados de simbolismos, que apresentavam conteúdo, densidade e durabilidade. Mas, em algumas localidades do território baiano, se cultua São João Batista a partir de uma atmosfera sagrada, ritualística e mística.

Santo Antônio, São João e São Pedro são Santos venerados pelo catolicismo oficial a partir de ritos litúrgicos formais, como missas, rezas e procissões; e festejados pelo catolicismo popular através de práticas criadas e reinventadas pelo povo ao longo do tempo, eivadas de elementos folclóricos e míticos. Para milhares de devotos, Santo Antônio é o Santo casamenteiro, por isso muitas pessoas fazem promessa para obter um cônjuge; o Santo é solicitado também quando se deseja encontrar um objeto perdido. São Pedro é considerado padroeiro dos pescadores e chaveiro do céu, ou seja, aquele que faz a triagem avaliativa para permitir ou não a entrada de uma pessoa no reino celeste após a morte. Em torno dos festejos religiosos e populares de São João, que representa o clímax do ciclo junino, existe uma miríade de lendas, superstições, misticismo e simpatias, que se mesclam com práticas ligadas ao sagrado, ao profano e ao mítico, em uma atmosfera sincrética em que os elementos da natureza são essenciais. Segundo Lima (2002), São João Batista é considerado, entre alguns folcloristas, como o Santo do amor e do erotismo e os dias 23 e 24 de junho, que correspondem ao auge das festas que comemoram o nascimento de João Batista, são envoltos de práticas místicas e supersticiosas no nordeste brasileiro. A mesma pessoa que enfiaria uma faca no caule da bananeira no período junino, na expectativa de ver as iniciais do nome da pessoa amada ou do futuro cônjuge, seria a mesma que acenderia velas para São João Batista e faria fogueira na frente da casa como simbologia ritualística e chamariz profano.

Algumas fogueiras na idade média eram construídas para se queimar os chamados hereges, pessoas que a igreja Católica considerava perigosas por seu caráter rebelde ou que ameaçassem propagar uma visão de mundo destoante daquela urdida nos meios eclesiásticos. Entretanto, a celebração do fogo tem um forte componente de ordem mítica, com fundamentos no

paganismo. As pessoas acendiam fogueiras para espantar os maus espíritos. O mesmo fogo da punição e da intolerância institucional eclesiástica e da proteção mítica, a partir do louvor aos deuses da transcendência politeísta do passado, é o fogo eivado de outros simbolismos míticos celebrados nas festas juninas do presente.

A inserção das igrejas de São João Batista como formas espaciais perenes no espaço urbano

Do ponto de vista da configuração espacial, as cidades pequenas do nordeste brasileiro apresentam uma morfologia que se repete: uma imponente igreja católica no centro, situada geralmente na praça principal, entornada por unidades residenciais e, esporadicamente, edificações com funções comerciais (CASTRO 2006). Apesar da geografia do sagrado priorizar a perspectiva relacional, assentada na experiência do religioso, como lembra Gil Filho (2002), as formas espaciais perenes, como os templos católicos, expressam o rebatimento espacial da prática devocional dos crentes. Segundo Rosendahl:

O homem consagra o espaço porque ele sente necessidade de viver num mundo sagrado, de mover-se num espaço sagrado. O homem religioso, desta maneira, se exprime sob formas simbólicas que se relacionam no espaço: cada vez que se ergue uma nova igreja, o grupo religioso tem a impressão de que cresce e se consolida (ROSENDAHL, 2002, p. 209).

Em algumas cidades de pequeno porte do território baiano, das quais São Batista é o padroeiro, a exemplo de Cabaceiras do Paraguaçu e Jeremoabo, a igreja matriz em homenagem a esse Santo destoa no espaço urbano com um elevado gradiente de visibilidade¹ e, por isso, é parte integrante do cotidiano visual dos moradores e transeuntes urbanos. Entretanto, a presença física da edificação em louvor a São João Batista não é um indicativo de que as práticas devocionais dos religiosos locais apresentem um *continuum* temporal. Segundo Eliade (1992), para a experiência profana, o espaço é homogêneo, neutro e geométrico, portanto sem nenhuma diferenciação

qualitativa. Já o sagrado se constitui em uma irrupção que destoa de seu entorno.

Em uma perspectiva relacional, pode-se afirmar que a igreja católica onde se cultua um santo de devoção pode ser considerada lugar sagrado para o crente e uma edificação que compõe a morfologia urbana para um não crente. Mesmo para o religioso as igrejas matrizes de São João Batista podem ser lembradas e visitadas como lugar sagrado ou espaço devocional no período festivo correspondente ao mês de junho, ou seja, a descontinuidade na prática litúrgica do crente faz com que aquele templo religioso possa ser considerado como lugar sazonalmente sacralizado, na medida em que o tempo para o homem religioso não é homogêneo, nem contínuo, como lembra Eliade (1992).

Apesar do rápido crescimento urbano de Salvador nas últimas décadas, muitos bairros populares da capital baiana apresentam importantes manifestações culturais assentadas na relação religiosidade / festividades, como apontam as pesquisas de Serpa (2004, 2007). Na cidade de Salvador, onde existem dezenas de templos católicos, há apenas uma igreja em homenagem a São João Batista, localizada na Avenida Vasco da Gama, que não exerce um papel de centralidade religiosa na hierarquia eclesiástica soteropolitana, apresentando, assim, um baixo índice de visibilidade como edificação religiosa, em comparação com outras igrejas da capital baiana. Entretanto, nessa referida paróquia, são realizadas importantes atividades religiosas durante o ciclo junino, que atraem moradores do entorno imediato, e que culminam com missa festiva com dezenas de fiéis, apesar do período de intenso escapismo urbano provocado pelas festas juninas espetacularizadas no espaço profano no interior da Bahia.

Na cidade de Cabaceiras do Paraguaçu, situada a 153 quilômetros de Salvador, São João Batista é o padroeiro local e sua igreja está situada na praça principal, entretanto, apesar de destoar como principal edificação daquele espaço público, as festas religiosas em homenagem a São João Batista se limitam ao âmbito interno do templo religioso. A extensão das festas sagradas da igreja de São João Batista pelo espaço público da praça e entorno do templo religioso local ocorre esporadicamente, com a procissão conduzindo as imagens sacras. No entanto, a festa profana ocorre de forma difusa e pontualizada pela área urbana e rural.

Enquanto que as festas juninas espetacularizadas no espaço urbano de cidades baianas como Amargosa, Cruz das Almas e Jequié podem ser consideradas como eventos eminentemente do espaço profano, as atividades em homenagem a São João Batista, realizadas em cidades como Barreiras, Itagimirim, Coribe, Jaguarari e Jeremoabo, no território baiano, estão relacionadas ao sagrado, mas apresentam, entretanto, uma extensão profana, tanto em espaço público como privado. As festas profanas diferem daquelas religiosas, que seriam, na concepção de Eliade (1992), uma ruptura do cotidiano e uma passagem do profano para o sagrado.

O papel da casa nas festas de São João e a potencialização do sentimento topofílico no ciclo junino

Diferentemente do que ocorrera no passado, quando a festividades de São João se concebiam a partir de um misto de festa religiosa e profana, em um clima de espontaneidade na ambiência familiar, as festas juninas do presente, cada vez mais racionalizadas pelas municipalidades, transformaram-se em um produto a ser consumido em espaços públicos ou privados. A partir sobretudo dos anos de 1980, esse novo desenho das festas do ciclo junino começou a ser esboçado, a partir da iniciativa de prefeituras, empresas, comerciantes e de segmentos dos governos dos estados, como Bahia, Pernambuco e Paraíba, no qual é visível esse viés espetacular da festa de São João no espaço urbano. As transformações nas relações familiares e sócio-culturais, de modo geral, expressam seus impactos na configuração espacial das residências. Em muitas casas da zona rural e periurbana, os terreiros onde as crianças brincavam e também onde se construía a fogueira do São João cederam lugar a jardins com percursos canalizados. Internamente pode-se afirmar que, em muitos casos, a sala de visitas da atualidade perdeu seu simbolismo de salão familiar de festas do passado. Na dimensão das festas juninas, pode-se dizer que a importância da esfera familiar diminuiu ou foi resignificada, uma vez que a casa é tão somente lugar de passagem, no qual as pessoas se vestem, se alimentam e planejam o seu itinerário festivo.

No sentido profano, a fogueira é acesa na frente da casa para avisar ao entorno residencial e aos visitantes daquela localidade que naquela casa comemora-se o São João, e, para confirmar, as pessoas utilizam um conhecido bordão: “São João passou por aqui?” E as pessoas da casa respondem: “passou”. Esta é a senha para que os festeiros itinerantes entrem e se sirvam de bebidas e comidas típicas. A fogueira acesa na frente das casas tem um papel paradoxal: o fogo que é temido como símbolo do inferno para onde vão os pecadores é o mesmo fogo que, no passado, tinha o papel de purificação e celebração e que, no presente, expressa a comemoração festiva e religiosa em homenagem a um dos santos mais festejados do calendário católico brasileiro.

O período junino tem uma grande importância no calendário festivo nordestino. Durante as férias do meio do ano letivo, muitos estudantes que residiam nas capitais estaduais, como Salvador, por exemplo, se deslocavam para “passar o São João”, expressão ainda muito utilizada na atualidade, em pequenas cidades do interior. Atualmente, muitos nordestinos que trabalham em estados do Sudeste brasileiro, como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, optam por saírem de férias no ciclo junino, que representa, no Nordeste, um período de reencontro e conagração, assemelhando-se ao Natal em outras partes do mundo. Ao optarem por férias no meio do ano, no período de inverno no hemisfério sul, em vez da praxe programática habitual, que é o final do ano, no início do verão, muitos trabalhadores planejam participar de forma ativa das festividades profanas do período junino. Entretanto, uma breve análise do discurso contido na expressão “vou passar o São João na minha terra” indica claramente a presença de elementos topofílicos potencializados pelas influências do catolicismo popular, na medida em que se enfatiza o nome do santo: São João. Em muitos estados do Nordeste, a força do São João não só como festividade maior daquele recorte regional, mas como prática devocional, se estende pela toponímia local, fazendo com que São João seja o nome de um município ou de uma localidade.

As festas religiosas de São João Batista no território baiano: especificidades entre o catolicismo popular e as práticas míticas

Nas localidades de Morro Redondo e Olhos d'água de Antônio Francisco, na zona rural do município de Seabra, Chapada Diamantina, os moradores cultuam São João Batista de forma peculiar. Como a indisponibilidade hídrica é um problema de muitas localidades do nordeste brasileiro, os moradores católicos dos referidos povoados realizam rezas, novenários e procissões para que as suas fontes não sequem no período da estiagem. Em Morro Redondo, durante o ciclo junino, além de se realizarem práticas devotionais típicas do catolicismo popular brasileiro, como novenas e missas, e de festividades profanas, com exposições de folguedos locais / regionais típicos, como o bumba-meu-boi e os ternos de careta, os moradores conduzem em procissão a imagem de São João Batista de uma pequena igreja local para uma fonte da Lagoinha, situada nas proximidades do povoado, onde lavam a imagem do Santo e, em seguida, lavam os olhos, geralmente no dia 24 de junho, quando se comemora o nascimento de João Batista. Segundo alguns moradores antigos, no passado, quando a imagem foi transferida para uma localidade próxima, a fonte secou. A prática ritual da festa religiosa e o banho na imagem se constituem em uma promessa da comunidade local para que a fonte nunca seque. No ano de 2007, no entanto, a longa estiagem fez com que aquela nascente secasse totalmente, o que entristeceu muito os moradores. A fonte voltou a ter água, o que trouxe grande satisfação para os fiéis de São João Batista de Morro Redondo e entorno. Na localidade de Olhos d'água de Antônio Francisco, além das rezas e visitas a fonte no período junino, a comunidade distribui comida para dezenas de crianças, em uma prática local chamada de almoço dos inocentes, ou seja, as práticas do catolicismo popular, relacionadas com a fonte sagrada, nas duas localidades rurais do município de Seabra, apresentam especificidades do culto a São João Batista em uma atmosfera mítica. Segundo Eliade:

A esta multivalência religiosa da água correspondem, na história, numerosos cultos e ritos concentrados à volta de fontes, rios e riachos. Cultos que se devem, em primeiro lugar, ao valor sagrado que a água incorpora em si, como elemento cosmogônico, mas

também a epifania local, manifestação da presença sagrada em certo curso de água ou em certa fonte. Estas epifanias locais são independentes da estrutura religiosa sobreposta. A água corre, é “viva”, agita-se; inspira, cura, profetiza. Em si mesmos, a fonte ou rio manifestam o poder, a vida, a perenidade; eles são vivos. Deste modo adquirem uma autonomia e o seu culto permanece, a despeito de outras epifanias e de outras revoluções religiosas (ELIADE, 1998, p. 162).

O catolicismo oficial convive harmonicamente com estas práticas devocionais eivadas de simbolismos míticos, criados e recriados na dimensão popular, ou seja, estas práticas religiosas gozam de uma relativa autonomia, na medida em que os crentes transitam da liturgia formal aos cultos assentados na valorização hierofânica dos elementos da natureza. Na concepção de Eliade, “para aqueles que têm experiência religiosa, toda a natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica” (ELIADE, 1992, p.18). A água, segundo esse autor, representa a soma universal das virtualidades e, ao mesmo tempo, tem as funções regenerativas de abolição dos pecados e de purificação. Essa devoção, que mescla o catolicismo popular com elementos míticos, apresenta uma natureza sincrética e híbrida também por causa de práticas religiosas, como a “comida aos inocentes” da zona rural do município de Seabra, que consiste na distribuição de alimentos para as crianças, assemelhando-se muito ao “caruru de sete meninos”, que tradicionalmente é oferecido no Recôncavo baiano nas rezas de São Cosme e São Damião, no mês de setembro. No caso específico de Olhos d’água de Antônio Francisco, o culto a São João Batista está assentado em elementos da natureza, mitificados pela prática devocional local. Como destaca Eliade, para o homem religioso, a natureza se apresenta carregada de um forte simbolismo religioso. Sobre a relação entre elementos da natureza e a geografia mítica Tuan destaca que:

O espaço mítico orientado tem outras características gerais. Organiza as forças da natureza e da sociedade associando-as com localidades ou lugares significantes dentro do sistema espacial. Tenta tornar compreensível o universo através da classificação de seus elementos e sugerindo que existem influências mútuas entre eles. Atribui personalidade ao espaço, conseqüentemente transformando o espaço em lugar (...) (TUAN, 1983, p.103)

Para o religioso devoto de São João Batista da localidade de Olhos d'água de Antônio Francisco, aquele lugar é considerado sagrado, por isso, sazonalmente, as práticas religiosas, como novenas, rezas, almoço aos inocentes e procissão devem ser renovadas, porque o não cumprimento dessas práticas rituais implicariam no desaparecimento daquele curso d'água, ou seja, os rituais religiosos, em seu conjunto, manteriam a fonte sagrada viva. Por tudo isso aquelas fontes transcendem a sua condição de ponto de referência ou simples ponto de captação de água para matar a sede do corpo, ou mesmo, de mero espaço de passagem, que dispensa pausa para reflexão ou contemplação mítico-religiosa. O espaço de passagem de uns se transforma em lugar sagrado de outros, porque a sacralidade de um elemento da natureza não está em sua condição de elemento tátil, palpável; mas em algo que está muito além da condição física de objeto tangível.

Há uma passagem bíblica, na qual Jesus, sentado à beira de um poço, em uma localidade da Samaria, diz para uma mulher: "Todo aquele que beber desta água voltará a ter sede, mas o que beber da água que eu lhe der jamais terá sede. Mas a água que eu lhe der, virá ser nele fonte de água, que jorrará até a vida eterna" (In: Bíblia Sagrada. São Paulo: Editora Ave Maria, 2000, p. 1.388).

Nessa passagem, Jesus Cristo solicitara água para beber a uma mulher Samaritana, no entanto, a água a que ele referia-se era aquela relacionada à fé e aos elementos espirituais. O uso da água, um importante elemento da natureza, sobretudo em uma área de clima desértico, como figura de linguagem para se referir a outros elementos atinentes à transcendência espiritual, fez com que, ao longo do tempo o catolicismo popular considerasse como lugares sagrados fontes localizadas em grutas, como em Bom Jesus da Lapa, também na Bahia, ou em áreas rurais, como no caso de Morro Redondo e Olhos d'água de Antônio Francisco.

O desmatamento, a longa estiagem e a captação de água em poços artesianos são apontados pelos moradores de Morro Redondo em Seabra como ameaças à fonte sagrada da lagoinha. Como destaca Eliade (1991), a dessacralização incessante do homem moderno alterou substancialmente o conteúdo de sua vida espiritual. Muitas nascentes e cursos d'água se constituem tanto em patrimônio ecológico como em patrimônio cultural e lugar sagrado, por isso devem ser preservados.

Simulacros de edificações sagradas: o sagrado e o profano nas festas juninas de algumas cidades do Recôncavo baiano

A cidade de Cachoeira no Recôncavo baiano realiza, desde o início dos anos 1970, uma importante festa junina notabilizada pela diversidade de manifestações culturais. Nesse cenário festivo, alguns religiosos realizam anualmente o tríduo junino (três dias de rezas e cânticos) em uma pequena capela de palha em meio à espetacularidade da festa profana, configurando-se, assim, como uma prática devocional residual. Para os fiéis, no entanto, o importante não é a dimensão física do templo e sim o significado simbólico e sagrado da prática religiosa. O sagrado e o profano nas festas juninas de Cachoeira se aproximam, avizinham-se, se complementam e, ao mesmo tempo, se distanciam. Para um observador, transeunte, ou mesmo *flaneur* festivo, a capela improvisada no meio da mega-festa profana pode se constituir tanto em um complemento da estética cultural da festa, com um papel de rememoração, quanto pode ser entendida como um objeto destoante.

Nas cidades de Amargosa e Cruz das Almas, onde ocorrem grandes festas juninas profanas espetacularizadas em espaços públicos e privados, os organizadores desses eventos montam anualmente cidades cenográficas com simulacros de igrejas, como formas espaciais de rememoração de um sacralidade auriática que alimenta as festas da atualidade. Enquanto que em Cachoeira se improvisa uma capela de palha para se cultuar os elementos sagrados relacionados com as festas juninas, na cidade cenográfica de Cruz das Almas inseriu-se uma réplica da igreja matriz de Nossa Senhora do Bonsucesso, o que representa uma homenagem à padroeira local, com fotos de São João Batista ainda criança, segurando um carneiro.

Pode-se depreender, portanto, que os elementos religiosos e sagrados, relacionados às festas juninas, são priorizados em cidades das quais São João Batista é o padroeiro ou em localidades como Morro Redondo e Olhos d'água de Antônio Francisco, em Seabra, onde as práticas do catolicismo popular aproxima mais o homem religioso da natureza. Por outro lado, mesmo naquelas cidades em que se prioriza o viés espetacular e profano da festa junina, inserem-se elementos do sagrado na configuração estética ou em formas espaciais efêmeras, como as cidades cenográficas. O sagrado e o

profano, portanto, se entrelaçam nas várias manifestações festivas do ciclo junino no território baiano.

Reflexões finais

Apesar da grande popularidade das festas juninas espetacularizadas no espaço urbano de cidades da região Nordeste do Brasil, muitas pessoas desconsideram ou desconhecem o viés religioso, mítico, folclórico e supersticioso que envolve as festas de São João. A fé em São João Batista no Brasil pode ser comprovada tanto nos elementos materiais, como igrejas, em cidades de todos os patamares da hierarquia urbana brasileira, como também em elementos imateriais, como os topônimos locais. Várias cidades brasileiras apresentam uma toponímia que associa São João a peculiaridades locais / regionais. Em algumas dessas unidades urbanas, o padroeiro local é o mesmo Santo que dá nome ao lugar, o que demonstra que a prática devocional no catolicismo oficial e popular brasileiro produz formas espaciais que não se constituem em meros referenciais locais ou funcionais na morfologia urbana; são pontos nodais de transcendência e reatualização de práticas religiosas relacionadas a mitos fundantes da prática devocional.

No passado, era comum as pessoas fazerem simpatias ou mesmo acenderem velas para São João Batista nas casas, entretanto, nas últimas décadas, o aspecto religioso decresceu substancialmente e foi ressignificado, enquanto que a dimensão lúdico-festiva e profana se ampliou consideravelmente, apresentando uma dimensão espetacular. As fogueiras montadas na frente das casas se revestem de toda uma simbologia relacionada ao engajamento dos moradores daquela residência e ao fascínio pela ludicidade junina. No entanto, os elementos sagrados não desapareceram com a espetacularização na dimensão do profano; foram recriados, redimensionados simbolicamente. O culto oficial a São João Batista no estado da Bahia se mescla com elementos míticos, folclóricos e profanos, que foram reinventados pelo povo e expressam a diversidade do patrimônio religioso tangível e intangível do ciclo junino brasileiro.

Notas

¹ Aqui segue-se a metodologia proposta por Serpa (2007) para classificar os parques urbanos de Salvador de acordo com seu gradiente de visibilidade no espaço intra-urbano.

Referências

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **A condição humana**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

BAHIA. Instituto de Radiodifusão da Bahia – IRDEB. **Os Santos de junho**: Antônio João e Pedro. Documentário. Salvador: IRDEB / TV Educativa da Bahia, junho de 2002.

BAHIA. Secretaria da Cultura e Turismo. Superintendência de Cultura. **Guia Cultural da Bahia**. Serra Geral. Volume 2. Salvador: A Secretaria, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I** – Magia e Técnica, Arte e política. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura, 7ª edição, tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CÂMARA CASCUDO, L. da. **Folclore do Brasil**: pesquisas e notas. Brasil / Lisboa: Fundo de Cultura, 1969.

CASTRO, Janio Roque B. de. **Cultura, manifestações culturais e espaço urbano na contemporaneidade**: uma breve leitura a partir da configuração espacial e das festas populares. Textura. Revista Acadêmica da FAMAM. – Ano 1, n. 2. (jul. – dez. 2006) Cruz das Almas, Ba. Faculdade Maria Milza, 2006.

_____. **Natureza, significados e impactos das romarias de Bom Jesus da Lapa – Ba**. Salvador, 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **O Sagrado e o Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Imagens e símbolos**: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução de Sônia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Por uma geografia do sagrado. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p. 253-265.

LEFEBVRE, Henri. **O direito a cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

LIMA, Elizabeth. C. de Andrade. **A fábrica dos sonhos**: a invenção das festas juninas no espaço urbano. João Pessoa: Idéia, 2002.

MORIGI, Valdir José. **Imagens recortadas, tradições reinventadas**: as narrativas da festa junina de Campina Grande - Paraíba. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP.

ROSENDAHL, Zeny. Uma proposição temática. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p. 197- 265.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Experiência e Vivência, Percepção e Cultura. Uma abordagem dialética das Manifestações Culturais em Bairros Populares de Salvador. **Ra'e ga**, Curitiba-PR, v. 8, n. 8, p. 19-32, 2004.

TUAN, YI – Fu. **Espaço e lugar**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia**. Um estudo da percepção. Atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

Periódicos

São João é celebrado por fiéis. Jornal A Tarde. Salvador, 25 de junho de 2007. Caderno Salvador e Região. Reportagem de Fernanda Santa Rosa.